

ENTREVISTA – DR.* THAMY AYOUCHE PSICANALISTA NA FRANÇA*

INTERVIEW – DR. THAMY AYOUCHE PSYCHOANALYST IN FRANCE

Andréa Máris Campos Guerra 1
Janilton Gabriel de Souza 2

-
- * Psicanalista, Professeur des Universités (Professor titular) na Université Paris-Cité. Foi Professor Visitante no Instituto de Psicologia da USP. É Doutor (Université Paris VII), Mestre em Filosofia (Université Paris XII) e em Psicopatologia (Université Paris VII), e Graduado em Filosofia (Université Paris XII), Psicologia Clínica (Université Paris VII e Literatura Inglesa (Université Paris IV). É também aluno antigo da École Normale Supérieure de Fontenay/Saint-Cloud. Trabalha atualmente sobre as hibridações da psicanálise e as suas interações com a filosofia, os estudos políticos, os Feminist, Gender and Queer Studies, e os estudos pós-coloniais. A sua prática clínica e a sua pesquisa abordam os efeitos psíquicos das discriminações de raça, gênero, sexualidade e classe. É autor de numerosos artigos e dos livros “Folies contemporaines” (L’Harmattan, Paris, 2009), “Merleau-Ponty et la psychanalyse. La consonance imparfaite” (Le Bord de l’Eau, Paris, 2012), “Generos, cuerpos y placeres. El psicoanálisis más allá de la diferencia sexual” (Letra Viva, Buenos Aires, 2015), “Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica” (CRV, Curitiba, 2015), “Psychanalyse et hybridité, hybridations. Genre, colonialité, subjectivations”, (Louvain, Leuven University Press, 2018). É o autor da tradução desse último livro em português (Psicanálise e hibridez. Gênero, colonialidade, subjetivações. São Paulo : Calligraphies, 2019) e em espanhol (Psicoanálisis e hibridez. Género, colonialidad, subjectivaciones. México : Ediciones Navarra, 2020).
- * Entrevista gravada em 20 de fevereiro de 2023 por Andrea Guerra e Janilton Gabriel de Souza. A transcrição foi feita por Dúnia Ferreira Maia (Integrante do Interfaces em Psicanálise – Núcleo de Pesquisas e Estudos e aluna da Psicologia Unis-MG) e a edição final de Janilton Gabriel de Souza com revisão técnica de Andrea Guerra.
- 1** Psicanalista e Psicóloga. Doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5327-0694>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2401031591125949>. E-mail: andreamcguerra@gmail.com
- 2** Psicanalista e Psicólogo, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rey/MG (UFSJ), Coordenador do Interfaces - Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicanálise. Colaborador do Instituto Internacional de Psicanálise – IIP. Professor do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS MG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3965-0564>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126366899756942>. E-mail: janilton.gabriel@unis.edu.br

Andrea Guerra: Thamy Ayouch, agradecemos sua generosa participação nesta entrevista. Como questão inicial, queremos ouvi-lo a respeito de sua percepção sobre a presença da psicanálise em países europeus e latino-americanos. Ou seja, resgatamos a ideia de Derrida da *Geopsychoanalysis: "...and the rest of the world"*, da psicanálise e o resto do mundo, a geopsicanálise e o resto do mundo. Na sua visão, a psicanálise possui algum impacto na teoria e na prática, ao redor do mundo? Como você experimenta, testemunha e percebe as diferenças globais frente a este saber?

Thamy Ayouch: Agradeço esse encontro com vocês e fico lisonjeado pelo convite. A primeira pergunta é excelente e muito ampla, pois trata da interface da psicanálise com o mundo. Sendo sincero, não havia pensado nesta questão, contudo, embora a Europa/Viena, de forma específica, seja o berço dessa teoria, não podemos deixar de pensar na psicanálise em sua amplitude, que engloba o mundo e, obviamente a América Latina.

Passa-me a ideia de um movimento dialético. Digamos de uma dialética entre o fato de que a psicanálise foi uma invenção europeia, que obviamente se inscreveu dentro de coordenadas sociais políticas europeias no final do século XIX. Uma invenção que é masculina, ou seja, androcêntrica, além de burguesa e branca. A difusão da psicanálise no mundo acarretou, também, aspectos mais conservadores, mesmo tendo ela uma perspectiva revolucionária, ou seja, sua questão de subversão, do inconsciente totalmente subversivo.

A proposta de Freud foi subversiva e revolucionária. Quando ele viajou para os Estados Unidos com Jung, com Abraham e Jones, falou que ia levar a peste para a América, porém quando digo América, obviamente, refiro-me a toda ela, não só aos Estados Unidos. De igual forma pode-se dizer que essa é a dialética, que hoje está funcionando na difusão da psicanálise de forma mundial, na Europa e no resto do mundo. Essa dialética entre um aspecto mais conservador e outro mais subversivo. A vitalidade da psicanálise fica relacionada a essa dimensão subversiva, que toda vez tem que ser definida em função de coordenadas locais, especialmente, para aqueles(as) que não estão na Europa.

Vou citar três países para pensar a difusão da psicanálise, ainda que não tenha muita formação em história da psicanálise: a Argentina, o Brasil e o Marrocos. Este último é o país do qual venho. A Argentina, porque na difusão da psicanálise, na América Latina, ela foi central. É interessante essa história, pois parece-me que os primeiros divulgadores da psicanálise na Argentina foram imigrantes europeus e europeias, que pretendiam afastar-se da prática psiquiátrica europeia e refugiaram-se na Argentina por razões sociais de raça, em função da perseguição dos judeus durante o Terceiro Reich. Foram esses imigrantes, que tinham nascido na Europa, que fundaram uma das primeiras sociedades psicanalíticas na América Latina, a APA, Associação Psicanalítica Argentina. Gente como Enrique Pichon Rivière, como Raskovsky, Marie Langer, Ángel Darma.

Primeiro, então, essa geração de imigrantes europeus. Depois, nos anos 1960, uma geração de psicanalistas locais formados e formadas, retomando um termo decolonial, como "criollos". Retomo, não fortuitamente, esse termo no sentido de que "los criollos", afinal, não sei, são os latino-americanos descendentes dos colonos brancos e brancas, mas que nasceram localmente, e assim se diferenciam dos(as) espanhóis e portugueses. Assim, ao mesmo tempo que vão dissociando-se da metrópole e da Coroa Espanhola, na Argentina e, ou da Coroa Portuguesa, no Brasil, vão acarretando essa branquitude e esse tropismo, esse relacionamento com a Europa e obviamente todas essas relações sociais de poder que atravessam a sociedade, como a raça, obviamente. Por mais locais e independentes que fossem, - afinal se separaram da Coroa, - não deixaram de ter em sua constituição homens brancos, porém locais.

Isso tem, me parece, uma certa função na difusão da Psicanálise na Argentina. Nos anos de 1960 foram "los criollos", que retomaram essa tradição psicanalítica em função de condições locais e de um certo tropismo para a Europa. O que é interessante na Argentina, ainda, é a grande democratização da Psicanálise, no sentido de sua difusão em muitos âmbitos: hospitais, universidades, instituições e, inclusive, na vida cotidiana.

Hoje em dia, a Psicanálise é muito presente na Argentina, como tópico, como chiste. Eu me lembro, por exemplo, de um dia em que estava em Buenos Aires num táxi e um carro ultrapassou o táxi de uma forma um pouco violenta e o taxista exclamou: "¿Quién es este piloto de mierda que

no está castrado?” (Quem é esse maldito piloto que não é castrado?).

Andrea Guerra: Uma difusão popular.

Thamy Ayouch: É! Tem essa especificidade e ela se refletiu na relação da Psicanálise com o Marxismo, como, por exemplo, com Bleger e Marie Langer, que refletiu na discussão da Psicanálise com relações sociais de classe e discriminação de classe. E depois, nos anos 1970, aconteceu uma coisa particular que foi, ao mesmo tempo, uma forma de independência da sede europeia da IPA na Argentina, mas, também, uma pegada totalmente lacaniana que era um contramovimento. Em outras palavras, separavam-se da IPA como associação internacional, basicamente articulada na Europa e nos Estados Unidos. Nisso, entrou o “Cavalo de Tróia” Lacaniano e reforçou uma certa forma de neocolonialidade, por mais que fosse totalmente emancipatória essa criação de uma nova Psicanálise. A forma com que Jacques-Alain Miller considerava a Argentina como um anexo da França para divulgar a sua Psicanálise é muito representativo dessa neocolonialidade. E, também, todas essas lutas que existiram em vários países entre escolas, que parecem igrejas Lacanianas, cuja finalidade era a de saber quem teria o(a) melhor exegese do pensamento Lacaniano.

Apesar desse tropismo mais europeu, também acho que na Argentina a Psicanálise, nas últimas três ou quatro décadas, foi usada em contestações fundamentais, por exemplo, de gênero e sexualidade. Há grandes psicanalistas argentinas, por exemplo, como Martha Rosenberg, uma das primeiras feministas, que lutou para a libertação do aborto há 40 anos atrás e que trabalhou muito com a questão do gênero e o feminismo.

Hoje, há toda uma vertente de psicanalistas LGBTQIA+ na Argentina, que desenvolvem uma Psicanálise focada em questões de gênero e sexualidade. Uma Psicanálise emitida e teorizada por aqueles monstros, como diria o Paul B. Preciado: monstros gays, lésbicas, trans, pessoas como Jorge Reitter, como Deborah Tajer, que trabalhou muito com o feminismo, Facundo Blestcher, Marina Calvo. Marina é maravilhosa e retoma também todo o pensamento da Sílvia Bleichmar. Marina Calvo é a filha da Sílvia Bleichmar. E há outros e outras, como Verônica Cardoso, Jéssica Ramirez, Narela Caten que é uma mulher Trans psicanalista, que vai ter um blog sobre os psicanalistas *rancios* (rançosos), ou seja, psicanalistas muito conservadores, muito reacionários.

Então, existe a tônica sobre as questões sociais de poder, sobretudo de gênero e sexualidade que se desenvolveu bem. No entanto, no que diz respeito à raça, isso foi menos trabalhado na Psicanálise e pela História da Argentina que se “embranqueceu”. Mesmo porque a Argentina ainda pretende ser o país mais europeu, como se isso fosse uma vantagem na América Latina. Houve toda uma história de embranquecimento através das migrações do final século XIX e século XX, além de um recalque das questões da raça da população afrodescendente, que em grande parte foi massacrada na guerra com o Paraguai. A Argentina praticamente não tem negros e negras.

Existe a população indígena e mais do que psicanalistas, antropólogos, que vão trabalhando essas questões, por exemplo, a antropóloga Rita Segato. Foi ela, a meu ver, uma das primeiras a introduzir essas questões de raça. Em “Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda”, trabalha a questão do Édipo negro. Rita Segato é um dos exemplos dessas comunicações entre Argentina e Brasil.

Acho bom poder dizer sobre o Brasil. Eu não pretendo ter essa posição colonizadora do “pseudoeuropeu”, que fala do Brasil para brasileiros e brasileiras. Acredito, porém, que houve toda uma imigração de psicanalistas perseguidos, argentinos e argentinas, para o Brasil, durante a ditadura, que fundaram coisas no Brasil. Não que o Brasil necessitasse, mas tiveram um papel, um rol interessante no desenvolvimento da Psicanálise no Brasil. Em São Paulo, me parece que uma parte da criação do *Sedes Sapientiae* foi fomentada por psicanalistas argentinos e argentinas.

No Brasil, há toda uma evolução. Durval Marcondes teria realizado a introdução da Psicanálise com uma história similar ao Tropismo para a Europa. A criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise - na verdade me parece que, inclusive, foi a primeira sociedade de Psicanálise da América Latina -, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que foi bastante conservadora. Ultimamente, tive a grande honra e o prazer de participar de seminários na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em um grupo que foi fundado em 2010, por Osvaldo Leite Neto, sobre homossexualidade e Psicanálise.

A história do Brasil teve uma primeira época de recepção, de fusão de ideias europeias e depois nos anos 1940 e 1950, a formação das primeiras gerações locais, seguida da institucionalização nos anos 1960 da Psicanálise no Brasil. O que foi interessante nessa história foi um aspecto: a pegada da medicalização da Psicanálise no Brasil, usada como uma forma de eugenismo e de biopolítica. Essa Psicanálise médica, servia tanto para gerir o corpo individual quanto o social, além dos movimentos entre os grupos sociais.

Lélia Gonzalez, outros e outras, falam de todo o embranquecimento do Sul do Brasil com a imigração europeia a partir do final do século XIX até os anos 1940. A Psicanálise acompanhou isso, ou seja, não deixou de ser uma ciência branca e da elite branca. O que me interessa é que nesses países: Brasil, Argentina e outros, acontece uma contestação de relações sociais de poder, de gênero, sexualidade e de raça. Vocês brasileiros estão na vanguarda do pensamento da Psicanálise com raça, na vanguarda! Ou seja, mundialmente! Isso é maravilhoso! É uma forma de pensar a Psicanálise de um jeito totalmente definido a partir das questões locais, deixando de olhar para a Europa como um modelo e tentando se repensar a partir da realidade local. Isso destoa da tradição de colonização, de escravidão, do sistema patriarcal.

Andrea Guerra: Se posso interferir brevemente nessa sua colocação, a Lélia Gonzalez é uma referência mesmo. O modo que o livro dela apresenta os sintagmas que colocam a gente a trabalho, a própria ideia da amefricanidade e de como pensar essa especificidade brasileira - não é apenas ela, mas ela é uma das grandes referências. Acho que há uma juventude nesse momento no mundo inteiro, sendo que no Brasil temos essa marca antirracista, decolonial, feminista que não aceita mais um modelo imposto. São jovens que buscam por onde caminhar, no sentido do que afirmar e do que abrir mão e que já querem repensar a formação em Psicanálise, questionam conceitos fundamentais, fazem uma prática nas ruas, quilombos, nas praças, nos hotéis de prostituição. Isso está muito vigoroso e evidentemente indica um movimento de quebra de paradigma! Mas continuo a escutá-lo, estamos adorando!

Thamy Ayouch: Exatamente, isso é uma arejada na Psicanálise fundamental. Essencial essas questões de raça. Bom essas pessoas como você, Andrea, que desenvolve essas questões de Psicanálise e Raça, Psicanálise e Colonialidade, pessoas como Miriam Debieux Rosa. Você me enviou esse livro muito legal (mostrou o livro “Tornar-se negro devir sujeito” de Cristiane Ribeiro.) Muito obrigado, eu adorei esse livro.

Andrea Guerra: Ela fez a defesa do Mestrado dela em um terreiro de umbanda, quem abriu a sessão foi a matriarca do quilombo Manzo. Foi dentro de um território sagrado. Ela fez uma defesa online, porque ocorreu no período da pandemia, uma parte lá e outra na academia. Foi muito subversivo e radical. Eu nunca tinha presenciado nada assim!

Se pudermos entrar um pouco em outro ponto geopolítico que não estava previsto em nossa conversa, agradeço! Gostaria de ouvir a respeito da Psicanálise em Marrocos. Seria importante porque a história que não está escrita aqui também nos interessa. Temos buscado, em uma das pesquisas do *Psilacs*, reler o pensamento social brasileiro construído oficialmente pelos grandes pensadores do Brasil. E aqui também a tradição acadêmica e universitária é uma tradição de registro escrito, enquanto a tradição popular, os saberes tradicionais, são orais. Daí é preciso recorrer a outras fontes. A Psicanálise tem uma vantagem, porque ela está entre o oral e o escrito: Como escrever a pulsão de morte e/ou a de vida em um texto que não é exatamente de papel.

Então, falando nisso, no que você está abrindo sobre o pensamento historicamente datado nos séculos XX e XXI no território da Psicanálise, tanto como teoria como praxis, mas também como episteme e como ética, estética e política de mundo, como você tem visto, historicamente, essa mudança, especialmente, com os nomes emergentes jovens – pois ainda não se sabe quais serão os nomes que irão ficar, mas estamos escutando emergir. Eu vejo colegas do Norte Global, da Bélgica, da França, dos Estados Unidos e de outros distintos países falando de uma mesma onda, que atravessa a Psicanálise com leituras contemporâneas, que resgatam pensadores não ocidentais ou não europeus, que vão se tornando fontes como Frantz Fanon, o próprio Aimée

Césaire, a própria Lélia Gonzalez e a Rita Segato, que você trouxe, entre tantos outros. Como você vê nessa linha histórica, o que e como a Psicanálise é afetada em termos conceituais e, também, em relação a sua práxis? Vocês na Europa têm experiência com os imigrantes, por exemplo, muito intensa, que me parece ser uma experiência com o resto do mundo, com a borda, com aquilo que fica de fora.

Nós, no Brasil, trabalhamos com a própria população periférica, com a(o) brasileira(o), porque atendê-la(o) é atender a borda da economia, do que resta um pouco fora do escopo do consultório, onde antes a Psicanálise ficava encastelada. Como você vê teoricamente e na prática, esse avanço histórico ou essa dialética? Porque este não é um movimento simples, não é uma linha contínua. É uma linha descontínua e dialética. Obrigada por essa reflexão que nos ajuda a pensar a Psicanálise. Como você vê esse avanço no século XXI, o recuo, o avanço, a dialética da Psicanálise?

Thamy Ayouch: Então, com o risco de romantizar um pouco, eu acho que a Psicanálise nessa dialética entre conservadorismo, renovação, emancipação e subversão, eu diria que o Sul Global é muito mais bem posicionado para repensar uma Psicanálise arejada, uma Psicanálise aberta a questões sociais de poder, uma Psicanálise mais política. Acho que no Sul Global essas questões surgem com muito mais intensidade e autenticidade. Isto é fundamental em realidades locais, ou seja, no Sul Global e no seu relacionamento com o Norte Global, essa emancipação decolonial do Sul Global que separa do Norte Global. Eu acho isso importante. No que eu saiba, na França, por exemplo, o tema da Psicanálise e gênero começou a ter um pouco de impacto recentemente. Nas duas últimas décadas que psicanalistas começaram a falar de gênero e há vários psicanalistas hoje em dia, não muito numerosos e numerosas, que falam dessas questões. Agora, Psicanálise e raça, minoritariamente, ou seja, existe a Sophie Mendelsohn, que você conhece. Porém, que eu saiba na França são muito poucos e poucas, muito poucos e poucas.

[Andrea Guerra mostrou o livro “Mais qu’est-ce que e’est done un Noir?”, Jeanne Wiltord]

Thamy Ayouch: Ah! Tem Jeanne Wiltord, claro!

Andrea Guerra: E Livio Boni com Sophie e o Colectif de Pantin (Andréa mostrou o livro “La vie psychique du racisme”, de Livio Boni e Sophie Mendelsohn).

Thamy Ayouch: Lívio e Sophie, claro! A Jeanne é interessante, mas a Jeanne traz certa fidelidade à teorização Lacaniana. Para mim, a Jeanne é muito interessante, pois vai pensando em uma continuação de Fanon, mas também ela não tem a ousadia e a coragem de vocês, por exemplo, quando vai pensar a raça, e o que essa coragem implica. Será que podemos desconstruir paradigmas habituais da Psicanálise, também, e não necessariamente ficar erigindo um panteão de divindades psicanalíticas que são intocáveis? Vocês fazem isso. Na França, é com mais hesitação de certa forma, pois fica aquela figura tutelar do Lacan. Acho que há mais jogo de cintura no Sul Global, no Brasil, por exemplo, uma pessoa que trabalha muito o Fanon, que está fazendo uma tese de doutorado muito interessante é a Priscila Santos.

Andrea Guerra: Sim. Está passando uma temporada aí. Morando aí.

Thamy Ayouch: Chegou à França há uma semana. Bom, também, em toda essa tradição, falamos de Lélia Gonzalez, Neusa Santos Souza, que está sendo relida, e da Isildinha Batista, que foi, me parece, uma das primeiras a trabalhar sobre o corpo negro na Psicanálise.

Andrea Guerra: Isso.

Thamy Ayouch: E, também, da Cida Bento, coisas mais politicamente engajadas, me parece, coisas menos desejosas de ficar cuidando de uma certa sacralidade da Psicanálise.

Andrea Guerra: Sim.

Thamy Ayouch: Isso me interessa mais, pessoalmente.

Andrea Guerra: Acho que isso faz do Brasil quase que um projeto em curso, um programa de trabalho com muitas linhas, porque você tem as clínicas públicas ou as clínicas de borda, que estamos discutindo, escrevendo e mostrando como elas acontecem. Há clínicas públicas ou clínicas psicanalíticas de borda, que questionam a própria formação em Psicanálise, o que é muito denso e muito tenso. Há programas de pesquisa conceituais, que se perguntam pelo Édipo e pelo falo: Por que o Édipo, por que o falo? Existem linhas de investigação e experimentação acerca da prática e da teoria, que se deixam afetar por questões de raça, classe, gênero, pelo pensamento feminista, pelo pensamento antirracista, ou pelas teorias pós, contra e decolonial. Tudo isso começa a interferir no próprio programa clássico da Psicanálise.

Então, isso que você traz é muito forte. Vejo que, na França, existem essas aberturas, mas acho que há uma aura de guardiões do espaço e até dos fundamentos psicanalíticos. O que você abriu a entrevista falando em termos de dialética me pareceu muito rico, porque acho que existe um temor e quase um imaginário de que se você desmontar alguns grandes elementos estruturais da Psicanálise, ela vai desmontar toda junto. Ela não vai desmontar, ela não vai morrer, ao contrário se você se aferrar a eles, talvez aí sim, ela não sobreviverá.

Então, escutar o que vem do sofrimento colonial, isso que queria te perguntar na sequência. Da sua escuta, do seu trabalho, o que você extrai? Pois você roda o mundo e para nós é uma referência, assim como também o são seus livros já traduzidos sobre a homossexualidade (Psicanálise e Homossexualidade: teoria, clínica e política), sobre a hibridiz (Psicanálise e hibridiz), e mesmo o material que está em francês - como o belo artigo sobre a clínica menor - que conseguimos acessar, eles nos orientam. Especialmente, estou me lembrando de quando você retoma uma leitura do Freud para mostrar como existe algo do hibridismo na própria teoria, ainda que marcada por um olhar e uma época, não tem como não se estar sempre atravessado, não é? Ser contemporâneo e estar ao mesmo tempo dentro e fora disso que nos marca, não é fácil, mas acho que você consegue fazer isto. Em termos do que vem de fora da Psicanálise: os movimentos feministas, os movimentos antirracistas, os movimentos contra ou pós-coloniais, como você acha que eles afetam o corpo psicanalítico?

Thamy Ayouch: É muito importante essa questão, porque o que é o fora e o dentro e como a Psicanálise define a relação com as suas supostas exterioridades, no livro sobre hibridiz propus duas hipóteses: a primeira que a hibridiz é o motor da Psicanálise e do seu pensamento. Essa figura da hibridiz é central na forma com que a Psicanálise pensa não ter nada de pureza, pois isto é sempre uma ameaça de narcisismo, de necrotização e de pontos cegos. Assim, há hibridiz no fato de que o próprio discurso psicanalítico se difunde com Freud e depois com outros psicanalistas emprestando elementos de vários, havendo precisamente uma multiplicação das discursividades. Freud, por exemplo, tomou emprestado modelos da termodinâmica, da biologia, da literatura, da filosofia, que, ao serem colocados em perspectiva, foram substituindo precisamente os modelos originários e criando uma coisa nova.

É a própria definição da hibridiz pós-colonial dada por Homi Bhabha, de uma repetição que subverte. Já existe um mandato colonial, que tenta fazer com que a(o) colonizada(o) seja como o colonizador. Isso retorna e, ao mesmo tempo, acrescenta uma coisa que subverte e cria outra nova. Acho que isso está no centro do pensamento psicanalítico: a hibridiz.

A segunda ideia é a de que a hibridização advém do fato de a Psicanálise se relacionar com outros discursos disciplinarmente definidos como não psicanalíticos: da sociologia, da filosofia, dos estudos culturais, de gênero, pós e decoloniais, dos estudos críticos da raça. O fato dela se relacionar com estes discursos é uma necessidade para a Psicanálise ficar psicanalítica, para ela não se engessar num discurso único. Isso é uma proposta mais teórica, mas que insiste nos consultórios. Assim, se continuarmos escutando com esse eixo só psico-psicanalítico, com essa fantasia da pureza de que vamos salvar o Freud, o Lacan, a prática psicanalítica tal qual engessada, etc., “desescutamos” as questões mais contemporâneas e políticas. Isso parece absolutamente fundamental, pensar a partir de uma postura subjetiva. Tenho que reconhecer uma postura sumamente subjetiva, pois sou um

bastardo da minha história pessoal, ou seja, no sentido de hibridez, tanto quanto aos aspectos culturais, quanto de formação. É a minha forma de pensar.

Janilton Gabriel de Souza: Aproveitar o que você disse no começo sobre a questão de ter a Psicanálise nessa interdisciplinaridade. Você coloca uma questão da escuta: se não levamos em conta essa pluridisciplinaridade que a psicanálise deve dialogar deixamos de escutar, principalmente ao se aferrar a um conceito sob o argumento de ser um fundamento, o qual não pode ou precisa ser questionado, ao fazer assim transformamos a teoria e, conseqüentemente, a prática em um dogma. Acho que esse é o risco, que se corre. A Psicanálise se alimenta dessa conversa.

Thamy Ayouch: Exatamente! É próprio à relação da Psicanálise com sua teorização, como dizia Freud: a teoria é um andaime, não um prédio; é uma construção e uma aproximação. Nessa dialética entre conservadorismo e subversão, o lado conservador é aferrado a uma fetichização da teoria, que ignora ela ser uma aproximação temporal, provisória e a toma como se fosse a palavra de Deus. Ou seja, tem que ficar lá, precisando repetir fórmulas formais, que necessitam submeter a clínica ao mesmo. Isso parece absolutamente anti-psicanalítico. A Psicanálise na forma em que Freud imaginou, inventou e delirou estava vinculada a essa dialética de ser científica e legitimada como produção científica, como uma seriedade e rigor teórico. Ao mesmo tempo, não acreditemos tanto nessas construções teóricas. É preciso essa relativização da teorização da metapsicologia, da teorização, pois são modelos e aproximações.

Andrea Guerra: Não à toa a Psicanálise não coube dentro da universidade na época do Freud.

Thamy Ayouch: Exatamente!

Andrea Guerra: Pensei, ouvindo o comentário do Janilton e a sua continuidade na conversa, Thamy, em duas frases, que eu escuto muito e que estariam nas duas pontas desse conservadorismo e dessa liberdade, ou desse respeito acerca daquilo que escutamos. De um lado, é uma frase que se repete muito quando são trazidas as questões locais, políticas, éticas e estéticas para o centro da discussão da Psicanálise. A frase é: “Isso não é Psicanálise”. Acho que é o auge do conservadorismo, afinal quem tem poder para dizer o que é a Psicanálise? Porque a questão de fundo é: “Eu não te autorizo, eu não te qualifico”. O ponto, porém, é: quem é que está dizendo isso ou aquilo e por que que pode ou não dizer isso?

E de outro lado, uma fala que emergiu quando começamos a trabalhar o antirracismo de forma declarada e decidida, que foram frases de psicanalistas que revelavam: “Eu tive que mudar de psicanalista, porque a minha analista dizia que as questões de racismo que eu sofria não eram questões clínicas, que aquilo não era uma verdadeira questão subjetiva”. O que seria uma verdadeira questão, senão a que o sujeito traz? Como o analista pode dizer isso: “O que você diz não é uma verdade sua”, mesmo que não toda, mas algo que diz do teu real, do teu corpo.

Isso tem nos feito pensar em como operar no cotidiano da clínica com essas transversalidades e sua ideia da hibridez é muito forte. Torna-se necessário teoricamente, para podermos pensar a prática psicanalítica a partir das muitas transversalidades, inclusive materiais, que impactam a clínica e a teoria. Trago uma fala referente a uma intervenção que fizemos na moradia estudantil da Universidade Federal de Minas Gerais, onde estão os alunos que entraram com cotas de ação afirmativa ou social ou racial. A equipe nos convida para trabalhar o antirracismo, o sofrimento que vem do racismo institucional, que no Brasil é velado. Kabengele Munanga nomeou de racismo à brasileira. Você deve conhecê-lo, pois é um grande teórico do racismo no Brasil da área da antropologia. E a fala que me chamou a atenção e presentifica esse nível de interdito ocorreu em uma conversação com a equipe clínica de saúde mental da moradia. Perguntamos: Como o racismo aparece aqui, como os alunos falam para vocês do racismo? O psicólogo, branco, falou: “Não falam, essa questão não aparece”. A assistente social, negra, levantou a mão e disse: “Todo dia alguém vem me contar uma história de racismo que sofreu, do porteiro, do amigo, do

professor, do departamento, do colegiado”. Então é muito radical, porque há algo que portamos indispensavelmente e que é interditor da palavra: um corpo branco.

Thamy Ayouch: Absolutamente.

Andrea Guerra: Pois é, mesmo que o psicanalista opere como objeto causa de desejo, ele vai com seu corpo masculino, branco, cis, o que for, para a cena clínica. E essa dimensão não é apenas imaginária, já que ela estrutura um discurso. Não dá para reduzir uma discussão do identitarismo, das identificações e do lugar do analista e da autorização que se constitui no campo clínico e teórico, sem considerar essas transversalidades.

Thamy Ayouch: Absolutamente! Isso que você está apontando é uma questão absolutamente essencial nesses movimentos. Trata-se da subalternidade de quem pode falar no divã e em que termos. Entretanto, no divã, deveria poder-se dizer o que quiser. Mas, em termos que não sejam hegemônicos, ou seja, uma não gramática hegemônica, que acaba traindo a singularidade que insiste em ser falada, que precisa ser dita. Obviamente quem fala e quem escuta, como se faz isso, é fundamental. Venho trabalhando essas questões da raça, pensava em falar disso mais à frente, como se escutam as questões de como você acabou de falar do racismo, do psicólogo branco dizer não escutar nada de racismo. Exatamente é esta a questão: quem e como um analisando ou analisanda se autoriza a abordar essas questões e para quem estão endereçadas, como são consideradas as questões psicanalíticas, da realidade psíquica e não só como a maioria dos psicanalistas dizem, questões da realidade exterior, que não tem nada a ver no consultório.

Você sabe, tem uma passagem muito interessante que comentei no livro sobre a hibridiz, que estou retomando nesse livro que estou escrevendo sobre a raça, uma passagem do Lacan que nos anos 1960 escreve, que recebeu nos anos 1940, uns analisandos médicos do Togo. Ele fala esses “mediquinhos”, que vem falar no meu divã e paradoxalmente não falam de realidades tribais deles, eles vão falando do Édipo, tal qual conhecemos o Édipo. Ele vai apontando uma coisa importante, que o efeito psíquico da colonização obviamente é esse embranquecimento desses analisandos, inclusive nos seus próprios inconscientes, ou seja, o que deixam de lado e para quem se dirigem. Esses analisandos, que são médicos do Togo nos anos 1940, vêm para a metrópole francesa. O Togo era uma colônia nessa época em que eles vêm para a metrópole. Eles, que são negros, vão se dirigindo ao “bam-bam-bam” da Psicanálise para falar no divã dele. O que é que eles se autorizam a falar dentro dessa relação social de poder de raça e colonialidade? Não lhes resta mais opção do que aquilo que falou Fanon: se embranquecer ou desaparecer. Então, o que há nessa relação com a transferência, não imaginária, mas simbólica com o Lacan, o que é que está em jogo? O que autoriza consciente e inconscientemente esses analisandos a falarem de aspectos racializados ou da colonialidade? O que que faz com que esse processo de se analisar com um analista francês nessa época não desautoriza a falar, desautoriza! E são questões totalmente contemporâneas, hoje em dia.

Andrea Guerra: E Lacan, nessa passagem, tem uma afirmação contundente. Ele fala assim: “O inconsciente que tinham vendido a eles, junto com as leis da colonização”, ou seja, como você disse, há uma matriz inconsciente que reage ao modo discursivo. Lacan está falando disso em referência à teoria dos discursos. Mas acho que você ainda abre um ponto que é novo, acho que é importante essa entrevista, que é muito rica, Thamy! Muito obrigada! Porque você está dizendo algo que não está dito ali! Você interpreta a passagem que é a quem se dirige, quem pode falar. E isso não é foucaultiano, isso é psicanalítico, não é? Eles precisaram fabricar algo para ser escutado, para caber na norma imperial, para caber em um texto colonizador.

Thamy Ayouch: Exatamente! Por mais que Lacan tenha apontado a dimensão da colonização do inconsciente, ele ficou cego quanto ao seu posicionamento na transferência simbólica. Teve uma transferência simbólica, que é isso que me interessa, o que acontece na transferência simbólica em termos de raça e que continua acontecendo hoje, que não são só questões imaginárias, não se trata da coitada culpa branca, de ter privilégio branco etc. Não é uma questão de culpa, é uma questão

de responsabilidade. É dizer de onde eu escuto, de onde respondo ao discurso do analisando ou da analisanda. No livro que estou escrevendo, a minha hipótese é que a transferência simbólica não retoma as familiaridades afetivas, ou seja, uma repetição da família, ela repete as relações sociais de poder.

Andrea Guerra: Perfeito!

Thamy Ayouch: Isso tem que se analisar na transferência simbólica, não só imaginária, mas simbólica. Tentar escutar o que se repete nas relações sociais de poder de forma totalmente interseccionalizada. Nesse dispositivo, onde essa analisanda está se endereçando a essa psicanalista, localizando cada uma na realidade de relações sociais de poder e na fantasia que cada qual tem e como se posiciona à outra. Isso, que são captações imaginárias, são regidas por uma transferência simbólica e por um dizer e uma forma de intercâmbio de troca que está definida. Essa é a minha hipótese, precisamente pelas relações sociais de poder politicamente.

Andrea Guerra: Quando que esse livro sai? Nós o queremos em português!

Janilton Gabriel de Souza: Queremos ler já.

Andrea Guerra: Thamy, você falou do Marrocos, para nós é muito interessante ter conhecimento de algo que fica sempre secundarizado. Não sei se dá tempo, ainda, de avançar um pouco mais. Você falou no início da história da Psicanálise no Marrocos, o que nos conta? Estou recebendo, na UFMG, para um ano de estudos sabáticos um professor malasiano da Universidade de Nottingham-Malaysia, Ahmad Fuad Rahmat, que está recuperando algumas psicanalistas que não aparecem na história da Psicanálise, dado que a Psicanálise é muito contada pelos grandes nomes e recontada na mesma linha depois. E o Marrocos? Seria interessante saber um pouco dessa história, porque, também, é um país que diretamente sofreu um modo de integração colonial peculiar e isso tem incidências e consequências. Fico curiosa, o que você nos conta dessa experiência da Psicanálise no Marrocos, que você tinha dito no início da entrevista?

Thamy Ayouch: Não que saiba muita coisa da história da Psicanálise no Marrocos, mas o pouco que sei é que primeiro a Psicanálise foi introduzida de forma obviamente colonial, durante a colonização francesa no Marrocos entre 1912 e 1956. A Psicanálise foi introduzida na prática de um psicanalista francês Laforgue em Casablanca, mas se pegou e lá ficou relacionada a uma realidade local marroquina. Também o Marrocos, vocês sabem, é um país pós-colonial, ou seja, um ex-país colonizado em uma área pós-imperial, referente às ex-metrópoles. Mas, à diferença do Brasil e dos outros países da América Latina, que foram frutos da primeira onda da colonização europeia; no Marrocos, não há “criollos” (primeira geração de descendentes europeus colonizadores nascida no território colonizado). Não considero que haja “criollos” da primeira colonização, que foi feita por árabes no século VIII, depois da conquista da Espanha pelos reis católicos dos árabes e judeus, que foram para o Marrocos, para a África do Norte. Não há “criollos” da colonização francesa, da colonização europeia, colonização ocidental, ou seja, quando o colonizador foi embora, quando o Marrocos teve sua independência, não ficaram populações descendentes dos colonizadores, os “criollos”.

Isso é importante, porque as relações sociais de raça são definidas diferentemente. Ficou o Tropismo para a Europa, que era o modelo da França, sobretudo, mas a divisão da população, ou seja, os grupos étnicos, étnico-raciais, não foram definidos pela presença ocidental, como na América Latina. Existem grupos étnico-raciais bem diferentes no Marrocos. Temos a população autóctone, os berberes, que são uma civilização antiga do tempo do império romano. Os romanos e os berberes eram politeístas. Houve uma grande presença judia berber no Marrocos, uma população judia importante de berberes. Depois vieram os árabes no século VIII e depois da conquista, eu não falo reconquista, eu acho que é conquista, depois do final do século XV. E houve também a presença, no final do século XIX, de espanhóis, portugueses e franceses que colonizaram o país.

Estudei o lugar, a realidade cultural múltipla no Marrocos, ou seja, linguisticamente é muito

interessante, porque é um país de várias línguas. Existem as línguas berberes - há três línguas berberes - tem o árabe, mas a língua árabe como em todos os países árabes é uma língua definida pelo que se chama linguisticamente de diglossia. Isto quer dizer que existe a língua falada, o dialeto diferente em cada país árabe: o dialeto do Marrocos não tem nada a ver com o do Líbano, do Egito e da Arábia Saudita. Existe também a língua comum, que é só escrita e que não é falada, ou se é falada é um pouco artificial, mais em congressos. É o árabe primeiro, clássico, que hoje em dia se revolucionou e se chama o árabe mediano. Ele é também o que está nas mídias, mas não é falado, é artificial falar esse árabe. Pelo menos há essa “trilingualidade”. Berbere, árabe dialetal e árabe mediano, depois tem o francês muito presente obviamente, como herança da colonização, como dizia: a língua francesa “*est un butte de guerre*”, é um prêmio de guerra.

O francês está presente e um pouco do espanhol no norte do Marrocos, porque o norte foi colonizado pelos espanhóis. Então tem essa realidade plurilinguística que é muito importante, porque define uma pegada da Psicanálise a partir dessa forma de fluidez linguística definida por muitas línguas marroquinas. Há uma tradição de terapias clássicas no Marrocos, com toda uma mitologia, que tem efeitos presentes na verdade, além de ter toda a tradição médica, psiquiátrica e de medicalização da Psicanálise. Foi nos anos 1970, creio, que a Psicanálise começou a ser mais presente na geração marroquina. Não de psicanalistas marroquinos diretamente, em termos de prática foram psiquiatras médicos que utilizavam modelos psicanalíticos, sobretudo intelectuais, antropólogos, sociólogos, escritores e escritoras de romance que se referiam a modelos psicanalíticos.

Andrea Guerra: A literatura.

Thamy Ayouch: A literatura teve muito a ver com Psicanálise. A literatura dos anos 1960, inclusive antes dos anos 1950 e 1960, era nesse bilinguismo francês-árabe, que um escritor marroquino como Driss Chraïbi, um escritor que escreveu em francês e associou a Psicanálise a movimentos de emancipação decolonial, das mulheres, do patriarcado, sair do patriarcado. Ele tem dois romances muito interessantes, um que se chama “*Le passé simple*”?, que seria literalmente “O préterito”. Ele fala sobre a figura tutelar do pai, totalmente patriarcal e como se emancipa disso a partir de um pensamento bastante psicanalítico. E possui outro livro que se chama “*La civilisation, ma mère*”, a civilização mãe, no qual ele imagina a emancipação da mãe dele, que entra nos movimentos feministas dos anos 1960 no Marrocos. E é também a partir de uma pegada psicanalítica. A Psicanálise foi presente nesse sentido.

Agora institucionalmente foi bem recentemente que foram criadas sociedades psicanalíticas. Nos anos 1990, foi criada a sociedade psicanalítica marroquina, “*Société de Psychanalyse Marocaine*”. Ela tem um dispositivo interessante e ambivalente, que trazia para serem ouvidos psicanalistas do exterior para oferecer formações locais, que duravam tipo uma semana, duas semanas, etc. Os psicanalistas estrangeiros ficavam duas semanas no Marrocos e a cada mês vinham e voltavam. Essa relação com o exterior fez com que a Psicanálise também repensasse aspectos locais, no sentido de que vários desses psicanalistas estrangeiros, especialmente, árabes, porque na verdade no mundo árabe há três países com desenvolvimento mais ou menos importantes de Psicanálise: Egito, Líbano e Marrocos. Eles desenvolveram e hoje possuem suas sociedades psicanalíticas. Como em todos os países e em todas as sociedades psicanalíticas, houve obviamente conflitos dentro dessas sociedades, guerras internas, dissociações, ou seja, da “*Sociedade Psicanalítica Marroquina*” foi criado “*Le cirque psychanalytique*”, que é um círculo dissidente.

Então, a Psicanálise está presente de certa forma com duas vertentes ou praticada por psiquiatras e dentro de uma abordagem mais médica, de reconhecimento administrativo, a questão da Psicanálise leiga, etc. Em outra vertente está presente através de intelectuais literários e desenvolvimentos sociais atuais que fazem mais pedido de um espaço para se dizer, para falar, que não seja um espaço familiar, do grupo social. Porque essa, como dizia Foucault, essa aberração de falar de si, de se dizer, que é uma aberração totalmente ocidental. Temos um período de globalismo, de hibridação de todas essas culturas do mundo, mas esse espaço tem sido aberto no Marrocos com pensamentos que foram ligados primeiro à emancipação das mulheres, que foi muito importante.

Hoje em dia estou descobrindo isso com novos analisandos aqui, imigrantes ou relacionados

com realidades do Marrocos, pessoas muito jovens com 20 anos que estão fundando movimentos LGBTQIA+ no Marrocos com criações muito interessantes! Que não são obviamente percebidas pela Psicanálise majoritária, mas que estão sendo combinadas, também, com uma outra escuta psicanalítica. E que é uma tentativa de libertação LGBTQIA+, que pretende também pensar a decolonialidade, ou seja, que não vai na pegada do homem nacionalista ou do branco que vem libertar os sujeitos racializados do Sul Global, e pensar, ao mesmo tempo, isso, e questões de colonialidade, e como podemos pensar uma fluidez, de uma multiplicidade de postura de gênero e sexualidade, sem necessariamente se remeter a uma salvação a partir do Ocidente. Isso vai sendo pensado pela nova geração de psicanalistas no Marrocos. É pouco, mas...

Andrea Guerra: Mas, já é uma grande história, porque essas histórias apagadas, ou não diria apagadas, porque elas estão lá, mas que não são publicizadas, hoje queremos saber delas, pois são elas que estão nos formando. Conhecer esses movimentos nos informa e nos forma. Compartilhar essas historicidades, mesmo que parciais, pois sempre serão parciais, é de uma riqueza ímpar. Eu não sei se Janilton quer colocar uma nova questão ou se Thamy gostaria de acrescentar algo. Eu penso que atravessamos as questões que tínhamos planejado e fomos muito além com a transmissão de Thamy! Mas é tão rico que dá vontade de não parar, não é? Não sei o que você pensa, Janilton, se quer colocar um ponto.

Janilton Gabriel de Souza: Na verdade, é agradecer, estou aqui, assim, em êxtase, porque é muito bom ouvi-lo.

Thamy Ayouch: Obrigado.

Janilton Gabriel de Souza: É uma bela entrevista.

Andrea Guerra: Uma aula!

Janilton Gabriel de Souza: É uma aula.

Andrea Guerra: Acho que é uma formação, Thamy, o que você nos oferece! Tudo que temos acompanhado de sua produção, o que você vem produzindo, tem uma dose de rigor com ousadia, que é uma combinação muito criativa. Porque você não deixa o que escuta ficar de lado. Ao contrário, isso te orienta e também ajuda a pensar com a ideia fulcral da hibridez como avançar. Você nos ajuda a pensar como fazer com a teoria no ponto em que ela é subversiva, como poder usar essa dimensão? Porque a Psicanálise é datada, mas o Inconsciente não. A teoria tem o seu ponto geopolítico, mas se trata de verificar na clínica como o inconsciente aí emerge. Queria te agradecer, especialmente, porque você nos transmitiu algo de muito valioso: como conseguir pegar o que interessa, o que não cede e deixar cair o resto. Porque, afinal, temos que seguir na caminhada, não é?

Thamy Ayouch: Andrea, eu fico muito lisonjeado pelo que você disse. Tenho que te dizer, vocês me ensinaram muito. Tive grande sorte de viver, de morar no Brasil, aprendi muito no Brasil e eu acho que o país está na vanguarda. Hoje em dia, nessas questões tanto no que diz respeito ao gênero, sexualidade, quanto e, sobretudo, no que diz respeito à raça. Eu fui lendo produções brasileiras, que me permitiram me descentrar. Foi essencial! Foi conversando e trocando dentro da dinâmica de intercâmbio com brasileiros e brasileiras, que de repente a Europa me pareceu tão provinciana, tão provinciana! Obrigado!

